

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
COMUNICAÇÃO SOCIAL- PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

**GUSTAVO EMILIO DOS SANTOS**

**DISCURSO IDEOLÓGICO E A MANUTENÇÃO DO RACISMO NO BRASIL:  
ANÁLISE DO FILME PUBLICITÁRIO “VOCÊ NUNCA SERÁ LIVRE SE  
ESCOLHER USAR DROGAS” DO GOVERNO FEDERAL**

**São Borja**

**2024**

**GUSTAVO EMILIO DOS SANTOS**

**DISCURSO IDEOLÓGICO E A MANUTENÇÃO DO RACISMO NO BRASIL:  
ANÁLISE DO FILME PUBLICITÁRIO “VOCÊ NUNCA SERÁ LIVRE SE  
ESCOLHER USAR DROGAS” DO GOVERNO FEDERAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social- Habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em publicidade e Propaganda

Orientadora: Dra. Denise Aristimunha de Lima

**São Borja**

**2024**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S237d Santos , Gustavo Emilio

DISCURSO IDEOLÓGICO E A MANUTENÇÃO DO RACISMO NO BRASIL:  
ANÁLISE DO FILME PUBLICITÁRIO "VOCÊ NUNCA SERÁ LIVRE SE  
ESCOLHER USAR DROGAS" DO GOVERNO FEDERAL / Gustavo Emilio  
Santos .

51 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade  
Federal do Pampa, COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E  
PROPAGANDA, 2024.

"Orientação: Denise Aristimunha de Lima Lima " .

1. Discurso. 2. Ideologia . 3. Relações de Poder . 4.  
Racismo no Brasil . I. Título.

GUSTAVO EMILIO DOS SANTOS

**DISCURSO IDEOLÓGICO E A MANUTENÇÃO DO RACISMO NO BRASIL:**  
análise do filme publicitário "você não será livre se escolher usar drogas" do  
governo federal.

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Comunicação  
Social - Publicidade e Propaganda da  
Universidade Federal do Pampa, como  
requisito parcial para obtenção do  
Título de Bacharel em Comunicação  
Social - Publicidade e Propaganda.

Trabalho de Conclusão defendido e aprovado em: 12 de julho de 2024.

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Denise Aristimunha de Lima

Orientadora

(Unipampa)

---

Profa. Dra. Carmen Regina Abreu Gonçalves

(Unipampa)

---

Profa. Dra. Camila Rodrigues Pereira

(UFSM)



Assinado eletronicamente por **DENISE ARISTIMUNHA DE LIMA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 12/07/2024, às 19:08, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Camila Rodrigues Pereira, Usuário Externo**, em 12/07/2024, às 19:15, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CARMEN REGINA ABREU GONCALVES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/07/2024, às 20:19, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1489277** e o código CRC **4C864D45**.

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, tem como objetivo entender **se o discurso ideológico e as relações de poder presentes no filme publicitário da campanha “Você não será livre se escolher usar drogas” do governo federal de 2019 se associam com a manutenção do racismo no Brasil.** Para tanto, a fundamentação teórica abrange conceitos de racismo, guerra às drogas, ideologia e relações de poder. Nesta pesquisa utilizamos no referencial teórico, pesquisadores(as) como Sílvia Almeida (2019), Daniela Ferrugem (2018), Juliana Borges (2019), Emanuel Fonseca Lima (2019) e John Brookshire Thompson (2011). No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, utilizamos a Hermenêutica em Profundidade de Thompson (2011), estruturada em três fases: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação/reinterpretação. Como metodologia de apoio, aplicamos a Análise de Conteúdo de Bardin (2021), fazendo uso de dois processos, a pré-análise e a exploração do material, a fim de organizar as cenas do corpus estudado. A partir da análise realizada, concluiu-se que o discurso utilizado na campanha, através do uso dos modos operacionais da ideologia e suas estratégias, corroboram para a manutenção do racismo no Brasil, pois promovem, de diversas formas, um universo que exclui a possibilidade de liberdade, recuperação ou ressocialização do usuário de drogas.

Palavras- chave: Discurso. Ideologia. Relações de Poder. Racismo no Brasil.

## ABSTRACT

This course conclusion work aims to understand if the ideological discourse and power relations present in the advertising film in the campaign "*You will not be free if you choose to use drugs*" campaign of the federal government of 2019 are associated with the maintenance of racism in Brazil. The theoretical framework covers concepts of racism, war on drugs, ideology and power relations. Researchers (as) as Sílvia Almeida, Daniela Ferrugem, Juliana Borges, Emanuel Fonseca Lima and J.B Thompson were used as theoretical references. Regarding the methodological procedures, we used the Bibliographic Research as described by Gil (2002), essential for the collection and analysis of fundamental data for the development of the study. We also adopted Thompson's Hermeneutics in Depth (1995), structured in three phases: socio-historical analysis, formal or discursive analysis, and interpretation/reinterpretation. From the analysis, it was concluded that the ideological discourse and power relations present in the advertising film campaign "*You will not be free if you choose to use drugs*" are associated with the maintenance of racism in Brazil.

Keywords: Discourse. Ideology. Power Relations. Racism in Brazil.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Frames do início do filme publicitário “Você nunca será livre se escolher usar drogas”, do Governo Federal de 2019.....	38
Figura 2 - Frames da segunda parte do filme publicitário “Você nunca será livre se escolher usar drogas”, do Governo Federal de 2019.....	38
Figura 3 - Frames do final do filme publicitário “Você nunca será livre se escolher usar drogas”, do Governo Federal de 2019.....	39
Figura 4 - Frames do momento inicial, selecionados do filme publicitário “Você nunca será livre se escolher usar drogas”, do Governo Federal de 2019 .....	41
Figura 5 - Frames do desenvolvimento, selecionados do filme publicitário “Você nunca será livre se escolher usar drogas”, do Governo Federal de 2019.....	43
Figura 6 - Frames do desfecho, selecionados do filme publicitário “Você nunca será livre se escolher usar drogas”, do Governo Federal de 2019.....	44

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Modos de operação da ideologia.....	33
Quadro 2: Categorização de acordo com os modos operacionais da ideologia de Thompson.....	35
Quadro 3: Ficha de responsáveis pela campanha.....	51

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1.1 Justificativa.....	14
<b>2. RACISMO NO BRASIL.....</b>	<b>16</b>
<b>3. GUERRA ÀS DROGAS.....</b>	<b>21</b>
<b>4. IDEOLOGIA E RELAÇÕES DE PODER.....</b>	<b>24</b>
<b>5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>27</b>
5.1 Pesquisa bibliográfica.....	27
5.2 Hermenêutica em profundidade.....	28
5.2.1 Análise sócio histórica.....	29
5.2.2 Análise Formal ou Discursiva.....	31
5.2.2.1 Análise de Conteúdo.....	31
5.2.3 Interpretação/reinterpretação.....	36
<b>6. ANÁLISE.....</b>	<b>36</b>
6.1 Apresentação do corpus de análise.....	37
6.2 Análise sócio-histórica.....	39
6.3 Análise do momento inicial .....	41
6.4 Análise do desenvolvimento.....	42
6.5 Análise do desfecho.....	43
6.6 Interpretação/Reinterpretação.....	45
6.7 Fechamento da análise.....	46
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>8. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>51</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Todos os dias pessoas, instituições e organizações produzem um número grandioso de informações. São diversos dispositivos de mídia com textos, imagens e sons que oferecem a possibilidade de interpretação desses elementos. Em meio a essa experiência, se constroem as concepções de mundo e sociedade que vivemos. Nessa perspectiva, Fairclough (2001) alega que o discurso não é apenas uma prática de representação do mundo, mas que o mesmo o compõe e constrói, sendo assim parte de sua significação.

Dessa forma podemos afirmar que o discurso é considerado, ao mesmo tempo, um reflexo da sociedade em que está inserido e também é responsável pela criação de normativas que atuam nesse mesmo corpo social. Ou seja, seguindo com os pensamentos de Fairclough (2001), o discurso se caracteriza por ser uma forma de prática social e não uma atividade que é exercida individualmente ou um reflexo de variáveis situacionais. Em virtude disso, a vinculação entre ideologia e relações de poder, e como isso influencia nas questões raciais é de grande interesse nesta pesquisa.

No Brasil, a escravidão aconteceu do início da colonização a 13 de maio de 1888, quando acontece a promulgação da Lei Áurea. Naquele momento, o negro foi liberto, porém continuava mantido dentro de um sistema de opressão, tendo seus direitos negados até hoje. Conseqüentemente, a maneira com que a sociedade brasileira se organiza tem total influência do sistema escravocrata, assim como tratado por Silvio Almeida (2019) que frisa que se existem instituições em que os padrões de funcionamento resultam em regras que favorecem determinados grupos raciais é porque o racismo é um elemento integrante da ordem social (ALMEIDA, 2019, p. 39).

O impacto disso aparece de diversas formas na nossa sociedade, como nos números do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias de 2019 (InfoPen)<sup>1</sup>, que mostram que o Brasil possui a terceira maior população prisional do mundo, com 748 mil encarcerados. Em 2016, segundo Juliana Borges (2018, n.p) 64% da população carcerária era negra, enquanto que este mesmo grupo compõe

---

<sup>1</sup> "Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias" INFOPEN 2019. Disponível em: [11](https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiZWl2MmJmMzYtODA2MC00YmZiLWI4M2ItNDU2ZmlyZjFjZGQ0IiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRI0GRhNmJmZThlMSJ9deixam claro quem é o público a ser alcançado. Acesso em: Junho de 2024.</a></p></div><div data-bbox=)

54% da população brasileira<sup>2</sup>, o que faz pensar se o encarceramento pode ser uma das ferramentas de manutenção do racismo e da hierarquia racial no Brasil, junto à Guerra às Drogas que, a partir de seu discurso baseado no amedrontamento da população em relação às substâncias ilícitas e aos usuários, dão o apoio necessário para a militarização dos territórios periféricos e exclusão dos envolvidos do meio social.

O discurso ideológico, por sua vez, segundo a concepção de Thompson (2011), possui uma relação dialética com a estrutura social da qual faz parte, ou seja, ao mesmo tempo que é moldado pela estrutura social, ele contribui para sua reprodução e transformação. Assim, podemos citar Silva e Campos (2014), que afirmam que a publicidade não é um fato isolado da sociedade, mas é um conjunto de ideias e de valores que espelham e caracterizam o tecido social.

Dessa forma, já que a Publicidade é um reflexo da sociedade, o discurso disseminado ainda tem marcas de polarização social, estigmatização, universalização de interesses, atribuição de características negativas a determinadas culturas e povos e ainda há a tentativa de eliminar características sócio-históricas de alguns fatos.

Nesse sentido, pretende-se entender **se o discurso ideológico e as relações de poder presentes no filme publicitário da campanha “Você não será livre se escolher usar drogas - campanha do governo federal de 2019 - se associam com a manutenção do racismo no Brasil.**

Para isso, temos como objetivo geral compreender a relação entre o discurso da campanha de combate às drogas do Governo Federal de 2019, a ideologia, as relações de poder e o racismo no Brasil. A campanha veiculada tinha como objetivo alertar jovens das consequências sobre quem decide experimentar drogas. A ação teve apoio da Secretaria Especial do Esporte e traz como protagonistas atletas brasileiros renomados, com foco, segundo informações do Ministério da Cidadania<sup>3</sup>, em jovens de 14 a 18 anos.

---

<sup>2</sup> Relatório “A aplicação de penas e medidas alternativas”, IPEA 2015. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatoriospesquisa/150325\\_relatorio\\_aplicacao\\_penas.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatoriospesquisa/150325_relatorio_aplicacao_penas.pdf). Acesso em: Junho de 2024.

<sup>3</sup> Secretaria Especial do Desenvolvimento Social. Disponível em: <http://mds.gov.br/area-de-imprensa/noticias/2019/outubro/ministerio-da-cidadania-lanca-segunda-fase-da-campanha-de-prevencao-ao-uso-de-drogas>. Acesso em: Junho de 2024.

Como objetivos específicos: (1) Contextualizar o racismo no Brasil; (2) Examinar a relação entre a Guerra às Drogas e o encarceramento no Brasil; (3) Identificar como o discurso ideológico e as relações de poder presentes na campanha de combate às drogas se associam ou não com a manutenção do racismo no Brasil; (4) Analisar o discurso do filme publicitário da campanha antidrogas do Governo Federal de junho de 2019.

Assim, para alcançarmos os objetivos propostos, utilizamos a Pesquisa Bibliográfica por Gil (2002) e a Hermenêutica em Profundidade de Thompson (2011), associada à Análise de Conteúdo de Bardin (2021).

A coleta de dados será feita através da análise da campanha de combate às drogas do Governo Federal, veiculada em 2019 e o referencial teórico será composto por Sílvia Almeida, Daniela Ferrugem, Juliana Borges, Emanuel Fonseca Lima, Grada Kilomba e J.B Thompson.

Para melhor compreensão dos assuntos aqui abordados, este trabalho se divide em quatro momentos. O primeiro trata da contextualização teórica, onde são abordados temas como: racismo no Brasil, capítulo que trata das concepções de racismo e descreve sua construção histórica até chegar ao racismo estrutural; guerra às drogas, momento em que é exposto a idealização histórica deste conceito, até sua aplicação na política brasileira; e Ideologia e relações de poder, onde é descrito o conceito de Thompson (2011), a fim de entender como a ideologia estabelece e sustenta as relações de poder e dominação, a partir das formas simbólicas

No segundo momento, apresentamos a metodologia utilizada, dividindo o capítulo em seis subdivisões principais, que descrevem o caminho metodológico e destacam os passos que são pertinentes a esta pesquisa.

Como terceiro momento, temos a apresentação do corpus e sua análise. Aqui são cinco tópicos que seguem a metodologia proposta, partindo da análise sócio-histórica e seguindo para a descrição do momento inicial, desenvolvimento e desfecho do filme publicitário, até chegar à interpretação. Após a análise temos o desfecho desta pesquisa, que é o quarto momento, onde apresentamos a conclusão obtida.

## 1.1 Justificativa

Neste subcapítulo, apresentaremos argumentos que demonstrem a relevância e o valor desta pesquisa. Para Santaella (2011), este momento tem como foco destacar a importância do estudo, tanto na teoria, quanto na prática, levando em consideração a área que o trabalho se desenvolve.

Há um entendimento que este trabalho incentivará reflexões e debates a partir dos resultados obtidos com a pesquisa, tendo portanto uma justificativa de ordem social.

A análise crítica da campanha publicitária "Você Não Será Livre se Escolher Usar Drogas" do Governo Federal se mostra crucial ao abordar como tais discursos podem perpetuar estruturas raciais através das estratégias discursivas e de representação presentes nessa campanha.

Maronna e Elias (2018) destacam que, após a aprovação da Lei nº 11.343/2006<sup>4</sup>, conhecida como Lei de Drogas, houve um aumento de 81% no número de presos no Brasil, elevando a população carcerária do país à terceira maior do mundo em 2017. Segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen)<sup>5</sup>, 74% desses presos são negros e 45% não concluíram o ensino fundamental (Ministério da Justiça e Segurança Pública [MJ], 2017). Telles, Arouca e Santiago (2018, p. 108) afirmam que "os custos da guerra às drogas recaem desproporcionalmente sobre os jovens negros, a maioria do sexo masculino".

Oliveira & Ribeiro (2018, p. 1), pesquisadores e ativistas no campo antiproibicionista, destacam que "do número de mortes entre pessoas jovens e negras, justificado com base no combate ao crime organizado nas comunidades

---

<sup>4</sup> Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. Link [https://scholar.google.com/scholar\\_lookup?title=+Institui+o+Sistema+Nacional+de+Pol%C3%ADticas+P%C3%BAblicas+sobre+Drogas+-+Sisnad:+prescreve+medidas+para+preven%C3%A7%C3%A3o+do+uso+indevido.+aten%C3%A7%C3%A3o+e+reinser%C3%A7%C3%A3o+social+de+usu%C3%A1rios+e+dependentes+de+drogas:+estabelece+normas+para+repress%C3%A3o+%C3%A0+produ%C3%A7%C3%A3o+n%C3%A3o+autorizada+e+ao+tr%C3%A1fico+il%C3%ADcito+de+drogas:+defin+e+crimes+e+d%C3%A1+outras+provid%C3%AAs](https://scholar.google.com/scholar_lookup?title=+Institui+o+Sistema+Nacional+de+Pol%C3%ADticas+P%C3%BAblicas+sobre+Drogas+-+Sisnad:+prescreve+medidas+para+preven%C3%A7%C3%A3o+do+uso+indevido.+aten%C3%A7%C3%A3o+e+reinser%C3%A7%C3%A3o+social+de+usu%C3%A1rios+e+dependentes+de+drogas:+estabelece+normas+para+repress%C3%A3o+%C3%A0+produ%C3%A7%C3%A3o+n%C3%A3o+autorizada+e+ao+tr%C3%A1fico+il%C3%ADcito+de+drogas:+defin+e+crimes+e+d%C3%A1+outras+provid%C3%AAs). Acesso em: Junho de 2024.

<sup>5</sup> Ministério da Justiça e da Segurança Pública [MJ]. (2017). Departamento Penitenciário Nacional. Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN). Brasília: Ministério da Justiça e da Segurança Pública. Link: [https://www.achadosepedidos.org.br/uploads/pedidos/RESPNUP001370200220226424012023SGS\\_AJ3DocumentosDecreton1130220221475767\\_1.pdf](https://www.achadosepedidos.org.br/uploads/pedidos/RESPNUP001370200220226424012023SGS_AJ3DocumentosDecreton1130220221475767_1.pdf). Acesso em: Junho de 2024.

pobres do Brasil e no aumento do encarceramento por delitos relacionados às drogas". Eles também apontam que as ações propostas, fundamentadas no paradigma da guerra às drogas, "corroboram e acentuam vulnerabilidades e violações pré-existentes relacionadas às condições de raça, gênero, geração e classe no Brasil" (Oliveira & Ribeiro, 2018, p. 1).

Além de sua importância social evidente, este trabalho também possui uma relevância acadêmica significativa. Ao realizar um estado da arte sobre a relação entre guerra às drogas e comunicação, constatou-se uma lacuna significativa de estudos que abordem especificamente o viés racial. A primeira consulta foi nos ANAIS da Compós, a Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, que tem publicações registradas do ano 2000 até 2023. A pesquisa focou em trabalhos de dois grupos: "comunicação e política" e "comunicação e cultura". O mesmo ocorreu no repositório da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o Lume, onde a investigação foi feita através de palavras-chave relevantes ao nosso tema, como: guerra às drogas, comunicação governamental, racismo no Brasil e campanhas antidrogas.

A pesquisa revelou uma escassez de trabalhos que investiguem como os discursos das campanhas antidrogas do governo federal podem estar contribuindo para práticas discriminatórias no Brasil, especialmente em relação à população negra.

As mesmas palavras-chave foram usadas para uma busca no google acadêmico, onde foram encontrados quatro trabalhos que fazem relação entre comunicação e guerra às drogas. Estas pesquisas envolvem análise de discurso de campanhas antidrogas em mídia sociais; análise de filmes publicitários de campanhas antidrogas, visando o aspecto ideológico e arquetípico; análise dos modelos de abordagens de campanhas antidrogas; e análise dos discursos vinculados à imagem do usuário de drogas nas peças publicitárias para prevenção ao uso de drogas das campanhas do governo federal.

Desta forma, através da leitura dos trabalhos, constatamos a falta de um viés racial, ou seja, uma pesquisa que relacione o discurso das campanhas antidrogas e o racismo no Brasil. Logo, esta pesquisa se mostra pertinente, pois possui como foco principal questionar se o discurso das campanhas antidrogas do governo federal de 2019, podem ou não funcionar como uma ferramenta de manutenção do racismo no Brasil.

No entanto, dos trabalhos pesquisados, a dissertação de mestrado em Saúde coletiva, intitulado “Discursos de campanhas preventivas do uso de drogas: uma contribuição para a estigmatização de usuários de drogas?”, de 2021, escrito por Raquel Medeiros, auxilia com referências para a metodologia de análise desta pesquisa e também porque aborda a campanha contra às drogas do Governo Federal. A autora tem como foco principal investigar o discurso das campanhas antidrogas de 2006 a 2019, porém, em sua pesquisa, Medeiros busca analisar o discurso questionando se ele contribui de alguma forma para a estigmatização de usuários de drogas, funcionando assim como um obstáculo ao acesso destes à saúde.

No âmbito acadêmico, há aqui uma contribuição para o entendimento da relação do discurso ideológico e seu *modus operandi* com o racismo e a guerra às drogas, questionando como as campanhas antidrogas constroem a imagem do usuário e de que forma essa construção atinge as pessoas negras no Brasil.

Minha motivação pessoal para realizar esta pesquisa está alinhada ao desejo de aprofundar meu conhecimento sobre este tema complexo e multifacetado. Além disso, meu objetivo é contribuir para o debate público e acadêmico, promovendo melhorias na nossa sociedade sobre o papel da comunicação na perpetuação ou na mitigação das desigualdades raciais no Brasil. Acredito que um olhar crítico e informado sobre as campanhas antidrogas, pode não apenas melhorar a compreensão geral da sociedade sobre estas questões, mas também fomentar mudanças positivas em nossas políticas e práticas sociais.

## **2. RACISMO NO BRASIL**

Depois de muita insistência e luta do movimento negro, surgiram leis de apoio ao povo negro, criminalizando o racismo em suas mais diversas formas e obrigando o ensino nas escolas a tratarem da história e cultura africana e afro-brasileira e, conseqüentemente, as escolas passaram a debater mais sobre racismo. Apesar disso, há pouca compreensão sobre o que realmente é tratado como racismo e quais são as formas que ele se manifesta na sociedade.

Grada Kilomba (2019, p. 71) escreve que o racismo é visto como algo “marginal aos padrões essenciais de desenvolvimento da vida social e política” e que esta visão descentraliza o assunto, como se o racismo não fosse algo

determinante na construção das relações sociais. Essa descentralização torna o assunto, de certa forma, desconhecido, o que pode ser associado ao modo com que a sociedade interpreta as informações ligadas a esse tema e à maneira com que o assunto é tratado, quando se pensa em educação, por exemplo.

A respeito disso, Emanuel Fonseca Lima (2019, p. 19), quando fala sobre racismo no livro “Ensaio sobre racismo”, afirma que “mesmo o racismo sendo um fenômeno amplamente conhecido e discutido, há pouca clareza a respeito de seus contornos”.

Dessa forma, para que possamos compreender mais sobre esse tema, voltaremos à história a fim de entender as várias concepções que a palavra “raça” teve durante os séculos e, assim, associar esses pensamentos ao que hoje entendemos como racismo.

Emanuel Fonseca (2019) escreve que entre os séculos XVIII e XX existiram diferentes concepções para o termo e que, apesar dos diferentes significados, é possível identificar características comuns entre essas definições. Essas particularidades compartilhadas se associam a ideia de que os seres humanos se dividem em grupos que mantêm relações de superioridade e inferioridade, se diferenciando uns dos outros a partir de traços inerentes a eles (FIELDS; FIELDS, 2014 *apud* LIMA, 2019). Esse pensamento se alinha ao que é escrito por Silvio Almeida, quando ele diz que:

Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas (ALMEIDA, 2019, p. 20).

Então, como chegamos à concepção de raça que temos hoje e como o racismo surge através dessas definições? No livro *Racismo Estrutural* de 2019, Silvio Almeida examina como isso aconteceu:

(...) o contexto da expansão comercial burguesa e da cultura renascentista abriu as portas para a construção do moderno ideário filosófico que mais tarde transformaria o europeu no homem universal (atentar ao gênero aqui é importante) e todos os povos e culturas não condizentes com os sistemas culturais europeus em variações menos evoluídas (ALMEIDA, 2019, p. 20).

Desse modo, podemos entender que a forma como o desenvolvimento do mundo que se conduziu a partir do século XVI, moldou o que vivemos hoje em sociedade, a partir da ótica das raças. O homem europeu com sua sede de poder e conquistas acabou por determinar quem era mais ou menos desenvolvido e passou a usar isso de argumento para genocídios e escravização de povos inteiros.

É o que aconteceu no Brasil e na América Latina, regiões em que o racismo se difere de outras partes do mundo. Isso acontece pelo fato de que esses territórios foram colonizados e tiveram suas nacionalidades formadas, com base na miscigenação de pessoas de diferentes regiões do mundo. Guimarães destaca isso em seus estudos e afirma que:

A especificidade do racismo brasileiro, mas também da América Latina em geral, provém do fato de que a nacionalidade brasileira foi formada ou “imaginada” (...), como uma comunidade de indivíduos etnicamente dissimilares que chegavam de todas as partes do mundo, principalmente da Europa (GUIMARÃES, 1999, p. 34).

Podemos considerar a colonização um importante fator a ser mencionado quando falamos de racismo no Brasil. À essa época é atrelada a escravização do negro africano, em terras latino americanas e é nesse momento que começam a ser construídas as relações com o povo negro. Sylvia S. Nunes (2006), relata que:

Nesse período, a forma de relação com o escravo é muito clara, pois ele é visto como “peça”, tratado como coisa que tem um proprietário: é alugado, vendido, comprado, entra na contabilidade das fazendas ao lado das cabeças de gado, das ferramentas e outros bens materiais (NUNES, 2006, p. 90).

Ou seja, o negro no Brasil era visto como algo descartável, como um objeto que se adquire com fins estritamente de exploração, deixando de lado o humano, sua história e ancestralidades. Assim, não podemos deixar de falar das violências ocorridas. Sylvia (2006) escreve que aqui as violências cometidas não foram menores que em outros países colonizados, pelo contrário, historiadores registraram um histórico de violências diárias, diversas e naturalizadas.

Essa herança não aparece apenas nas relações interpessoais, mas também na forma com que o Estado trata, atualmente, pessoas negras no Brasil. A esse respeito, Sylvia Silveira (2006) escreve que, mesmo após a abolição da escravatura,

em 1850, a cidadania prometida nunca ocorreu e até hoje é negada à população negra.

Portanto, precisamos entender como acontecem essas negações de direitos, por parte do Estado, e como o racismo perpassa as relações entre as instituições e as pessoas. A explicação começa ao compreender que o racismo é enquadrado nos estudos sobre a questão racial, em três diferentes tipos: individual, institucional e estrutural. O primeiro tipo leva em consideração ações individuais ou coletivas de preconceito contra determinado grupo, principalmente na forma de discriminação direta. Para Silvio Almeida, a concepção individualista de racismo pode ser definida como:

(...) uma espécie de “patologia” ou anormalidade. Seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados; ou ainda, a ser combatida no campo jurídico por meio da aplicação de sanções civis - indenizações, por exemplo - ou penais (ALMEIDA, 2019, p. 29).

Já o segundo, o institucional, tem em conta que as instituições possuem um papel importante na manutenção da hierarquia racial pois os conflitos raciais também são parte das instituições. Isso porque as instituições são parte da sociedade e por isso carregam em si os conflitos existentes nela. Almeida escreve que:

Sob esta perspectiva o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça (ALMEIDA, 2019, p. 30).

O terceiro tipo de racismo, o que mais importa para esta pesquisa, leva em consideração a atuação das outras duas concepções. Almeida ao escrever sobre racismo estrutural avalia que as pessoas e as instituições sofrem influência de algo maior e afirma que:

O conceito de racismo institucional foi um enorme avanço no que se refere ao estudo das relações raciais. Primeiro, ao demonstrar que o racismo transcende o âmbito da ação individual, e, segundo ao frisar a dimensão do poder como elemento constitutivo das relações raciais, não somente o poder de um indivíduo de uma raça sobre outro, mas de um grupo sobre outro, algo possível quando há o controle direto ou indireto de determinados grupos sobre o aparato institucional (ALMEIDA, 2019, p. 38).

Ou seja, as instituições são apenas um reflexo de uma disposição social que tem o racismo como base de sua organização. Silvio Almeida (2019, p. 38) é direto ao afirmar que “(...)as instituições são racistas porque a sociedade é racista”.

O racismo estrutural é evidenciado, quando se trata da população negra, em todos os âmbitos da vida dessas pessoas. Quando falamos de acesso a uma boa alimentação, acesso à saúde, acesso à educação e sobre a violência policial é essa estrutura do racismo que enxergamos.

Em um artigo escrito para os Cadernos da Saúde Pública (CSP), os pesquisadores estudaram a insegurança alimentar domiciliar sob um olhar de interseccionalidade entre o racismo, o acesso à alimentação e o sexismo. Nele foi relatado que:

(...) a população negra, que é a maioria da população na capital estudada, vivencia condições mais precárias em comparação à população branca, em termos de escolaridade, renda familiar, densidade domiciliar e condições de moradia e saneamento, conforme já foi identificado no contexto nacional. Dentre os negros, a mulher negra apresentou a pior condição em termos de renda familiar per capita. No extremo oposto, o homem branco e a mulher branca apresentaram melhores condições socioeconômicas, com especial atenção à escolaridade e renda, indicadores sociais que têm forte poder explicativo para a insegurança alimentar (SILVA, 2022, p. 8).

Dessa forma, percebemos que o racismo, através de sua estrutura, coloca a população negra, em especial a mulher negra, em situação de desvantagem em relação a população branca quando se trata de acesso a uma boa alimentação, fazendo com que essas vivam em constante vulnerabilidade.

Quando falamos sobre o acesso à saúde, o resultado não é diferente. Em uma pesquisa realizada em 2021, através de dados da Pesquisa Nacional de Saúde de 2013, relatou-se que a dificuldade no acesso à saúde é maior entre a população negra. O estudo afirmou que:

Essa dificuldade de acesso aos serviços de saúde pela população negra pode estar fundada no racismo estrutural existente no Brasil, materializado nas instituições e organizações por meio de tratamento não equitativo, desvantagens no acesso a benefícios, negligência em não priorizar a construção de instituições de saúde próximas a essa população, o que configura no racismo ambiental, além da morosidade da implementação de ações e políticas voltadas a ela (DANTAS; SOUZA; SOUZA; AIQUOC; SOUZA; BARNOZA, 2021, p. 9).

Nesses exemplos vemos como a população negra, através do racismo, é escanteada e subjugada pela sociedade e instituições brasileiras, levando-os a condições de vida precárias e ao sofrimento.

Agora, nos voltando ao assunto que vamos tratar no próximo capítulo, que tem relação com a violência sofrida pela população negra brasileira, destacamos um artigo que trata das abordagens policiais, do racismo e da violência estrutural entre jovens negros de três capitais do nordeste. A pesquisa descreve que:

Estudos revelam que as violações de direitos recaem preferencialmente sobre os mais jovens, os mais pobres e os mais negros, os quais constituem os grupos que são desprovidos das imunidades conferidas aos cidadãos procedentes das classes médias e elevadas da sociedade brasileira (ADORNO, 1996). Entre 2005 e 2015, por exemplo, a taxa de homicídio de indivíduos entre 15 e 29 anos no Brasil aumentou 17,2%, sendo que, enquanto a mortalidade de indivíduos não negros diminuiu 12,2%, houve um crescimento de 18,2% na taxa de homicídio de negros (CERQUEIRA, et al., 2017) (ANUNCIAÇÃO; TRAD; FERREIRA, 2020, p. 2).

Dessa forma, é preciso levar em conta os processos políticos e históricos do racismo, ou seja, levar em consideração as condições sociais criadas por esses processos que, de forma direta ou indireta, permitem a discriminação de grupos raciais de forma sistemática.

### **3. GUERRA ÀS DROGAS**

Neste capítulo apresentaremos a construção do conceito de Guerra às Drogas e suas consequências na sociedade, a partir de sua implementação na política brasileira.

Um desses processos é a Guerra às Drogas, aqui entendemos que o Estado tem total responsabilidade pelas experiências da população negra que convive, desde a infância, com guerras e destruição de corpos, ações essas financiadas pelo governo. A política de combate às drogas, praticada pelo Estado, é exemplo de um dos recursos utilizados para a manutenção de um grupamento de injustiças que são resultado de um regime cruel praticado através de uma agenda de violências que produz efeitos ainda hoje.

O conceito de guerra às drogas começou a ser construído no ano de 1912. Na época, o uso abusivo de ópio por parte da população de diversos países e os efeitos

disso na saúde e na economia, passou a preocupar os governantes. Então, nesse mesmo ano, foram criadas resoluções para o controle internacional de narcóticos na Primeira Conferência Internacional sobre Ópio, que aconteceu em Haia (FERRUGEM, 2018).

Os acordos criados em 1912 se perpetuaram durante os anos e, segundo Daniela Ferrugem (2018), foram reafirmados nas décadas de 1960 e 1970, em 1988 e por último em 2009, por meio da Comissão de Narcóticos das Nações Unidas que colocou como meta acabar com o uso de drogas ilícitas até o final de 2019.

Apesar de todas essas reuniões, acordos e metas, entendemos que houve um fracasso no que foi estipulado nas convenções, na verdade, ao invés de diminuir, a disponibilidade das drogas e o acesso a elas aumentou, havendo até um certo distanciamento da postura de repressão e uma busca por novas alternativas:

Mesmo diante do fracasso visível da guerra às drogas, que nunca chegou perto de atingir o objetivo principal de erradicação das drogas, nem mesmo uma diminuição foi possível, ainda que os investimentos financeiros tenham sido frequentes e crescentes na manutenção da repressão nos países signatários das convenções na avaliação das metas, houve uma renovação desse compromisso. Estamos em 2017 e o que vemos é um movimento em diversos países para um abandono da guerra e a construção de alternativas mais progressivas no sentido de regular ou descriminar algumas substâncias, como a maconha já regulada em Portugal, Holanda, Uruguai, e em alguns estados do EUA, como o Colorado (FERRUGEM, 2018, p. 40).

Para Ferrugem (2018, p.41) são vários os fatores que contribuíram para a perpetuação da guerra às drogas, ela cita, através de estudos de Fiori (2012) a radicalização política norte-americana, o interesse das indústrias farmacêuticas em ter o monopólio da produção de drogas, conflitos do século XX, os desejos das elites, e completa que “a confluência entre racismo, xenofobia, moralismo e interesses do capital está na base de sustentação da guerra às drogas”. Sobre isso ela escreve:

Nos Estados Unidos, as campanhas contra certas drogas psicoativas foram, desde o início, mescladas a preconceitos, racismo e xenofobia. Drogas passaram a ser associadas a grupos sociais e minorias, considerados perigosos pela população branca e protestante, majoritária no país: mexicanos eram relacionados à maconha; o ópio vinculado aos chineses; a cocaína aos negros; e o álcool aos irlandeses (RODRIGUES, 2009, p. 6; *apud* FERRUGEM, 2018, p. 41).

No Brasil, a história do proibicionismo não é diferente e tem total influência da postura de repressão às drogas dos EUA. De acordo com Ferrugem (2018) a utilização de maconha passou a ser uma preocupação aos médicos brasileiros no século XX, influenciados por pensamentos da elite que ansiavam por uma política de branqueamento. Ela cita que, ainda antes da proibição, o uso da planta era associado à cultura africana e à atitudes irracionais, assim ela escreve que:

A associação entre maconha e loucura esteve presente em todos os discursos que buscavam a criminalização e repressão do cultivo e uso da planta. Os estudos médico-legais já atestavam que os negros e seus descendentes seriam dotados de características transmitidas geneticamente responsáveis pela personalidade infantil, animalesca, agressiva e mesmo tresloucada. Associados a uma substância tida como altamente perigosa e capaz de levar a crimes, embora pouco se conhecesse dos aspectos químicos e farmacológicos da maconha, a imputação de tais características como intrínsecas à “raça negra” seria intensificada e o controle sobre essa população deveria ser ampliado (SAAD, 2013, p. 7 *apud* FERRUGEM, 2018, p. 42).

Dessa forma, vale destacar que, estigmatização do uso de cannabis como crime, tem influência de dois pensamentos: o primeiro tem relação direta com a associação da planta aos negros brasileiros, e, junto disso, o pensamento de que esse grupo era o mal da nação. Já o segundo se associa ao desejo dos médicos e das indústrias do domínio total dos métodos de cura medicinal - importante lembrar que, na época, as ervas eram parte essencial dos rituais de cura que aconteciam nos centros de religião africana (FERRUGEM, 2018).

Nessas circunstâncias, se intensificaram as repressões aos produtores, comerciantes e consumidores de algumas substâncias que eram consideradas ilícitas. Acerca disso, Daniela cita Karan que afirma que:

Os ‘inimigos’ nessa guerra são os pobres, os marginalizados, os negros, os desprovidos de poder, como os vendedores de drogas do varejo das favelas do Rio de Janeiro, demonizados como ‘traficantes’, ou aqueles que a eles se assemelham, pela cor da pele, pelas mesmas condições de pobreza e marginalização, pelo local de moradia que, conforme o paradigma bélico, não deve ser policiado como os demais locais de moradia, mas sim militarmente ‘conquistado’ e ocupado (KARAM, 2015, p.36-37, *apud* FERRUGEM, 2018, p. 72).

Para Ferrugem (2018), a violência gerada por essa guerra atinge milhares das cidades brasileiras, mas atua com intensidade nos maiores centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Natal. Dados da Anistia

Internacional no Brasil (2017) mostram que de 2004 a 2007 “matou-se mais no Brasil do que nas doze maiores zonas de guerra do mundo [...] quando 192 mil brasileiros foram mortos, contra 170 mil espalhados em países como Iraque, Sudão e Afeganistão”.

Percebemos então que o proibicionismo brasileiro tem influência, desde o início, de pensamentos racistas e excludentes, fomentados pela ciência higienista e pelos desejos da elite da época. Essa postura racista causa, até hoje, feridas irreparáveis na população, em especial no povo negro, que sofre, através do financiamento à guerra às drogas, com o encarceramento em massa e o genocídio.

Para Daniela Ferrugem (2018) o mundo é organizado por formas desiguais de distribuição das violências e dos acessos às riquezas socialmente produzidas. Isso consiste em afirmar que o acesso e a riqueza são distribuídos por excelências desiguais e a distribuição da violência também. Quando falamos sobre guerra às drogas, entendemos que alguns pilares sustentam sua lógica, há uma política, que como já dissemos, não é só ancorada em leis, mas também por práticas discursivas que antecedem e justificam as violações de Estado.

Assim, precisamos olhar de perto diferentes aspectos, como os de responsabilização dos atos praticados no percurso da lei de drogas, reconhecer as terríveis ações dos envolvidos na criação das leis e reconstruir a memória coletiva, em especial dos grupos sociais mais afetados.

#### **4. IDEOLOGIA E RELAÇÕES DE PODER**

Neste capítulo pretendemos apresentar-lhes como a ideologia estabelece e sustenta as relações de poder e dominação, a partir das formas simbólicas.

Thompson propôs uma análise ideológica diferente daqueles que o antecederam, sua crítica era que havia uma tentativa de “neutralização do conceito de ideologia” (THOMPSON, 2011, p. 75). Dessa forma, o autor propõe estudar como as formas simbólicas se cruzam com as relações de poder, se interessando muito mais na forma com que o sentido é trabalhado na sociedade de forma a fortalecer posições de poder já existentes (THOMPSON, 2011). Ele descreve seu enfoque quando diz que:

estudar ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação. Fenômenos ideológicos são fenômenos simbólicos significativos desde que eles sirvam, em circunstâncias sócio-históricas específicas, para estabelecer e sustentar relações de dominação. (...) é crucial acentuar que fenômenos simbólicos, ou certos fenômenos simbólicos, não são ideológicos como tais, mas são ideológicos, somente enquanto servem, em circunstâncias particulares, para manter relações de dominação (THOMPSON, 2011, p. 76).

Ou seja, diferente de outras abordagens, que consideram a ideologia, como a transformação do meio social norteadas apenas por interesses das classes dominantes ou, que esta é um sistema social apenas condizente com o meio político e social em que está inserida, Thompson considera também que a ideologia está atrelada ao uso empregado às formas simbólicas (CORREIA, 2004).

Assim, fica claro a relação entre a teoria de ideologia proposta por Thompson e as relações de poder. Ele evidencia em sua concepção como os fenômenos simbólicos e os sentidos têm influência e são influenciados pela realidade a qual estão inseridos. Para ele, “as formas simbólicas e o sentido assim mobilizado são constitutivos da realidade social e estão ativamente envolvidos tanto em criar como em manter relações entre pessoas e grupos” (THOMPSON, 2011, p. 78-79).

É importante destacar que a ideologia tratada aqui, se interessa em como os sentidos mantêm relações de poder em diferentes esferas da vida social, podendo focar nas relações de dominação de classe, gênero, etnia, nas relações de dominação entre estados e também nas relações de dominação entre raças, que é a que mais interessa nessa pesquisa.

Para tanto, Thompson (2011) propõe um conceito de ideologia que busca entender como as formas simbólicas, que estão constantemente participando dos processos de construção das relações sociais, mobilizam o sentido de forma a estabelecer e sustentar certas relações:

estabelecer querendo dizer que o sentido pode criar ativamente e instituir relações de dominação; sustentar, querendo significar que o sentido pode servir para manter e reproduzir relações de dominação através de um contínuo processo de produção e recepção de formas simbólicas (THOMPSON, 2011, p. 79).

Dito isso, vamos então descrever o que é entendido como formas simbólicas e como sentido, através dos estudos de Thompson. Ele destaca cinco características típicas das formas simbólicas, são elas: “intencional, convencional, estrutural,

referencial e o contextual" (THOMPSON, 2011, p. 79). Essas características são constitutivas do que ele descreve como "ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos" (THOMPSON, 2011, p. 79). Já o sentido pode ser compreendido como o significado dado a essas formas simbólicas de acordo com os contextos aos quais estão inseridos.

Por isso, se faz necessário entender como as formas simbólicas são transmitidas e como essas informações chegam ao público determinado. Thompson (2011), ressalta que as experimentações culturais, no mundo que vivemos hoje, são de fato moldadas pelas formas simbólicas e destaca que isso se agrava à medida que os meios de comunicação em massa evoluem tecnologicamente e passam a ser mediados eletronicamente.

Os meios eletrônicos possibilitam às formas simbólicas circularem numa escala sem precedentes, alcançarem vastas audiências e invadirem o espaço de uma forma mais ou menos simultânea. Nunca, anteriormente, a capacidade de circulação das formas simbólicas foi tão grande como na era da comunicação de massa mediada eletronicamente (THOMPSON, 2011, p. 344).

Essa mediação eletrônica e também digital possibilita um alcance quase ilimitado no que se refere a recepção das mensagens. Fica fácil entender quando pensamos quantas pessoas possuem acesso à televisão e ao celular, por exemplo, e comparamos o alcance desse tipo de mídia aos jornais, livros e revistas que, quando impressos, hoje, atingem um público muito mais restrito.

Esse caráter duplo da comunicação de massa eletronicamente mediada - o acesso restrito à produção e difusão das formas simbólicas e o acesso relativamente irrestrito à recepção das mesmas - configura às maneiras como, e a extensão em que, as formas simbólicas eletronicamente mediadas se tornam o local para operação da ideologia nas sociedades modernas (THOMPSON, 2011, p. 345).

Agora, como o sentido pode ser usado para estabelecer e sustentar formas de dominação? Thompson (2011) responde que é a ideologia, através de suas estratégias de construção simbólicas, quem produz estas transformações. Ele destaca cinco maneiras das quais a ideologia pode trabalhar na construção do sentido: legitimação - que utiliza da racionalização, universalização e narrativização; dissimulação - que emprega o deslocamento, a eufemização e o tropo; unificação -

que usa a standardização e a simbolização da unidade; a fragmentação - que utiliza da diferenciação e do expurgo do outro; e a reificação - que aplica a naturalização, a eternalização e a normalização (THOMPSON, 2011).

Ainda assim, é importante considerar que essas não são as únicas formas de ação da ideologia quando se trata da construção de sentidos, e que, esses modos nem sempre trabalham de forma separada, eles podem se sobrepor em certas circunstâncias. Também precisamos entender que, para considerar que dada estratégia de produção simbólica é ideológica, precisamos levar em consideração a forma com que elas estão sendo aplicadas e entendidas em certas situações, ou seja, “depende do fato de a forma simbólica, assim construída, estar servindo, nessas circunstâncias, para manter ou subverter, para estabelecer ou minar, relações de dominação” (THOMPSON, 2011, p. 82).

## **5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Neste tópico são apresentadas as metodologias utilizadas na realização deste trabalho de conclusão de curso, organizadas em: pesquisa bibliográfica, com base em Gil (2002), Hermenêutica de profundidade de Thompson (2011) e a análise de conteúdo de Bardin (2021).

### **5.1 Pesquisa bibliográfica**

Para realizar este trabalho de conclusão de curso, foi necessário aprofundar a busca por autores que tratassem sobre a temática e isso foi possível através da pesquisa bibliográfica. Para Gil (2002) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em materiais já elaborados, constituídos a partir de livros e artigos científicos.

Segundo Gil (2002) essa pesquisa se desenvolve por meio de várias etapas, que dependem de fatores como natureza do problema, nível de conhecimento do pesquisador, grau de precisão que se pretende conferir à pesquisa etc.

A pesquisa bibliográfica serviu para aprofundar a investigação sobre racismo no Brasil, Guerra às drogas, ideologia e relações de poder. Os autores utilizados foram Grada Kilomba (2019), Emanuel Fonseca Lima (2019), Silvio Almeida (2019), Sylvia S. Nunes (2006), Daniela Ferrugem (2018), J. B. Thompson (2011).

## 5.2 Hermenêutica de profundidade

Em seus estudos, Thompson (2011) escreve que a Hermenêutica disponibiliza ferramentas para um olhar filosófico sobre o ser e traz essa percepção como uma reflexão metodológica sobre as características e as funções da interpretação na pesquisa social. O método proposto leva em consideração que o corpus em análise constitui uma construção simbólica relevante, que demanda interpretação para ser compreendida e que essas formas simbólicas “estão também inseridas em contextos sociais e históricos de diferentes tipos; e sendo construções simbólicas significativas, elas estão estruturadas internamente de várias maneiras” (THOMPSON, 2011, p. 355).

Assim, podemos considerar a Hermenêutica em Profundidade (HP) como um estudo da construção e da contextualização das formas simbólicas que oferece um referencial metodológico para a análise da ideologia. Isso porque Thompson considera as formas simbólicas - ações, textos, falas e imagens - como construções significativas que demandam interpretação.

Os estudos de Thompson e seu método de análise, com a Hermenêutica em Profundidade, servirão para analisar o discurso verbal e não verbal do corpus desta pesquisa, já que o autor acredita que as formas simbólicas são “um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos” (Thompson, 2011, p. 79). Assim, teremos como foco analisar as maneiras pelas quais as formas simbólicas podem ser usadas para estabelecer e sustentar relações de poder.

Dessa forma, precisamos levar em consideração como essas formas simbólicas são compreendidas no contexto da vida social das pessoas que produzem e recebem esses sentidos e, para isso, é necessário um método interpretativo das opiniões e convicções geradas, ou seja, uma interpretação da doxa.

Para contextualização, a doxa representa um conjunto de juízos que a sociedade constrói, são pontos de vista que constituem o mundo social em um

determinado momento histórico, o que é uma condição fundamental da Hermenêutica: a pesquisa sociohistórica.

Ainda assim, Thompson (2011) chama a atenção para que não fiquemos presos, num primeiro momento, à fase sociohistórica. Ele afirma que é necessário entender como as formas simbólicas são compreendidas, estruturadas e aplicadas pelas pessoas que as produzem e as recebem, em seus contextos sociais e históricos específicos.

Para isso, Thompson propõe 3 passos à Hermenêutica em profundidade, ressaltando que dentro de cada fase existem diferentes métodos de pesquisa que devem ser escolhidos pelo pesquisador, de acordo com o objeto de análise e o desenvolvimento do trabalho. Os três passos propostos são:

- a) Análise Sociohistórica;
- b) Análise Formal ou Discursiva;
- c) Interpretação/Reinterpretação.

Desta forma, como um dos nossos objetivos é analisar o discurso verbal e não verbal, da campanha antidrogas do governo federal de junho de 2019, intitulada “Você não será livre se escolher usar drogas”, teremos como primeiro passo uma investigação histórica do corpus, em seguida examinaremos as construções simbólicas nas esferas verbais e não verbais, para que por último passemos ao passo da interpretação e reinterpretação do corpus.

### **5.2.1 Análise sócio-histórica**

Nesta primeira etapa da Hermenêutica em profundidade, o objetivo é reconstruir as circunstâncias sociais e históricas da produção e recepção das formas simbólicas. Para isso, levaremos em consideração quatro aspectos descritos por Thompson. O primeiro é que as formas simbólicas se constroem em situações espaço-temporais que caracterizam o lugar de onde elas são “produzidas (faladas, narradas e escritas) e recebidas (vistas, ouvidas e lidas) por pessoas situadas em lugares específicos, agindo e reagindo a tempos particulares e a locais especiais” (Thompson, 2011, p. 366).

O segundo é que as formas simbólicas estão inseridas em um campo de interação, que pode ser descrito como um espaço e um conjunto de trajetórias, que

estabelece as relações entre as pessoas e as oportunidades acessíveis a elas. Como terceiro aspecto, temos a análise das instituições sociais, a fim de:

reconstruir os conjuntos de regras, recursos e relações que as constituem, traçar seu desenvolvimento através do tempo e examinar as práticas e as atitudes das pessoas que agem a seu favor dentro delas (THOMPSON, 2011, p. 367).

Assim, o quarto ponto diz respeito a análise das estruturas sociais, que leva em consideração as assimetrias e diferenças, de certa forma, estáveis que compõem as instituições sociais. Temos como exemplo a “análise da formação e reprodução das classes sociais (...) e outras formas congêneres de assimetria e desigualdade” (Thompson, 2011, p. 367).

Dadas as características que devem ser consideradas para a reconstrução das circunstâncias sociais e históricas da produção e recepção das formas simbólicas, descreveremos agora um conjunto de condições que devem ser analisadas posteriormente no estudo: os meios técnicos de construção e transmissão da mensagem.

É importante destacar que a análise sociohistórica desses meios não deve possuir apenas um olhar técnico, mas buscar tornar compreensível os contextos em que esses meios estão inseridos. O autor escreve que:

É evidente que os meios técnicos não existem isoladamente. Eles estão sempre inseridos em contextos sócio-históricos particulares; eles sempre supõem certas habilidades, regras e recursos para codificar e decodificar mensagens, atributos esses que estão, eles próprios, desigualmente distribuídos entre as pessoas; e eles são, muitas vezes, desenvolvidos dentro de aparatos institucionais específicos, que podem estar relacionados com a regulação, produção e circulação das formas simbólicas (THOMPSON, 2011, P. 368).

Portanto, seguindo os passos da análise sociohistórica, é pertinente dizer que o corpus que analisamos foi lançado em 2019, pelo Ministério da Cidadania do Brasil, em diversos meios de comunicação, com alcance em todo o território nacional. Esse ano foi marcado por inúmeros acontecimentos importantes ao tema desta pesquisa, como o crescimento da população carcerária brasileira, alcançando impressionantes 748.009 encarcerados<sup>6</sup> e o debate sobre a reforma da lei de

---

<sup>6</sup> INFOPEN 2019: Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrjoiZWl2MmJmMzYtODA2MC00YmZiLW14M2ltNDU2ZmlyZjFjZG>



Nesta etapa organizamos como o conteúdo do corpus será analisado. O primeiro passo se trata da leitura flutuante, que para Bardin (2021) é o momento de ter contato com o material que será investigado, a escolha do que será analisado, a elaboração de hipóteses e objetivos, a formulação dos indicadores que irão orientar a interpretação e a preparação do material.

O objetivo dessa pesquisa é analisar como o discurso ideológico e as relações de poder presentes na campanha de combate às drogas do governo federal se associam com a manutenção do racismo no Brasil, assim, separamos um universo de campanhas que se alinhavam com esse propósito. A partir daí, definimos o corpus de análise, selecionando o filme publicitário da campanha “Você nunca será livre se escolher usar drogas”, veiculada em 2019.

Em seguida, descrevemos as hipóteses e objetivos, seguindo os processos metodológicos de Bardin (2021), que aponta a hipótese como uma afirmação temporária que devemos analisar e afirma que o objetivo é o propósito geral da pesquisa, que orienta a busca do que será investigado. Nossa hipótese principal é de que o discurso ideológico presente no filme publicitário da campanha “Você nunca será livre se escolher usar drogas” reforça o racismo no Brasil. Já nosso objetivo se caracteriza em analisar como o discurso ideológico e as relações de poder presentes na campanha de combate às drogas do governo federal de 2019, intitulada “Você nunca será livre se escolher usar drogas”, se associam com a manutenção do racismo no Brasil.

Definida a hipótese e o objetivo, separamos o objeto de análise em três momentos para entender melhor o conteúdo analisado:

- A. Momento inicial: 00:01 ao 00:07
- B. Desenvolvimento: 00:08 ao 00:17
- C. Desfecho: 00:18 ao 00:30

Outro passo importante na etapa de pré-análise é o desenvolvimento de indicadores que se alinhem ao objetivo da pesquisa e ao objeto analisado. Nesta pesquisa, os indicadores estão relacionados aos modos operacionais da ideologia de Thompson.

Esses indicadores funcionarão como uma categorização do que será investigado na análise, eles se dividem em: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação. Assim, com a intenção de identificar a estrutura dos modos de operação da ideologia e suas estratégias, montamos o quadro a seguir:

Quadro 1: Modos de operação da ideologia

<b>Modos gerais</b>	<b>Estratégias típicas de construção simbólica</b>
<p><b>Legitimação:</b> formas simbólicas são retratadas como justas e dignas de apoio.</p>	<p><b>Racionalização:</b> estrutura de argumentos racionais que justificam as relações, visando a obtenção de apoio e a persuasão.</p> <p><b>Universalização:</b> os interesses de alguns indivíduos são apresentados como o interesse de todos.</p> <p><b>Narrativização:</b> o presente é tratado como parte de tradições eternas, que são narradas com o objetivo de mantê-las, justificando o exercício do poder daqueles que o possuem.</p>
<p><b>Dissimulação:</b> as formas simbólicas são representadas de modo a desviar a atenção, ocultar, negar e ofuscar relações e processos sociais existentes.</p>	<p><b>Deslocamento:</b> transferência de conotações positivas ou negativas de um objeto ou pessoas para outro(a).</p> <p><b>Eufemização:</b> ações, relações ou instituições, são relatadas de forma a criar uma suavização ou valorização positiva.</p> <p><b>Tropo:</b> as formas simbólicas usadas de forma figurativa.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>Sinédoque:</b> tropo caracterizado pelo uso do todo pela parte, do plural pelo singular, do gênero pela espécie, ou vice e versa.</li> <li>- <b>Metonímia:</b> caracterizado pelo uso de atributo ou característica de algo para designar a própria coisa.</li> </ul>

	<p>- <b>Metáfora:</b> consiste em aplicar um termo ou frase a outra esfera semântica distinta, ao qual esse termo não se aplica.</p>
<p><b>Unificação:</b> construção de uma identidade coletiva que não considera as diferenças dos indivíduos envolvidos.</p>	<p><b>Padronização:</b> as formas simbólicas são expressas de forma a desenvolver uma linguagem unificada, adaptadas a determinados padrões que são partilhados por todos.</p> <p><b>Simbolização da unidade:</b> são criados símbolos de unidade, de identificação e de identidade coletivos.</p>
<p><b>Fragmentação:</b> estratégias de fragmentação de um grupo ou indivíduo que pode ser considerado como uma ameaça aos grupos dominantes.</p>	<p><b>Diferenciação:</b> destaque a características de diferenciação e divisão de grupos ou indivíduos, dificultando sua integração ao exercício do poder.</p> <p><b>Expurgo do outro:</b> atribuição de características negativas a um indivíduo ou grupo, a fim de criar uma resistência coletiva.</p>
<p><b>Reificação:</b> Extinção de características sociais e histórias de fenômenos.</p>	<p><b>Naturalização:</b> fenômenos sócio-históricos são entendidos como inevitáveis, naturais.</p> <p><b>Eternalização:</b> fenômenos sócio-históricos são entendidos como imutáveis, recorrentes e permanentes.</p> <p><b>Nominalização:</b> transformação de sentenças, ou uma parte delas, em nomes, atribuindo-lhes sentido.</p> <p><b>Passivização:</b> colocar verbos na voz passiva, dando foco a atenção do receptor em certos pontos ao invés de outros.</p>

Fonte: Criado pelo autor (2024)

Sobre os modos operacionais da ideologia, acima descritos, Thompson (2011) destaca dois pontos importantes a serem considerados. O primeiro é que esse modus não podem ser entendidos como os únicos aos quais a ideologia opera; o segundo é que, para serem considerados modos operacionais ideológicos eles devem servir para estabelecer e sustentar relações de dominação.

- **Exploração do material**

Esta fase da análise de conteúdo, consiste justamente em categorizar, decompor, codificar ou enumerar o material que foi escolhido, seguindo o que foi anteriormente formulado na etapa anterior (Badin, 2021).

Por conta disso, separamos as cenas e as categorizamos de acordo com os modos de operação da ideologia que mais as representam, levando em consideração a análise que será feita.

Quadro 2: categorização de acordo com os modos operacionais da ideologia de Thompson

<b>Momentos</b>	<b>Cenas</b>	<b>Modos gerais</b>	<b>Estratégias típicas</b>
Momento inicial	00:01 ao 00:02 00:03 ao 00:07	Legitimação Unificação	Universalização Padronização
Desenvolvimento	00:10 ao 00:11 00:13 00:16	Fragmentação	Expurgo do outro
Desfecho	00:17 ao 00:20 00:22	Unificação Fragmentação Reificação	Padronização Expurgo do outro Eternalização

Fonte: criado pelo autor (2024)

### **5.2.3 Interpretação/reinterpretação**

Esta é a terceira etapa de análise da Hermenêutica em Profundidade e tem como objetivo evidenciar padrões e efeitos que operam e fazem parte das formas simbólicas e do discurso analisado. A interpretação é construída através da análise sócio-histórica e da análise do discurso, assim, este é um importante passo na metodologia de análise pois se faz necessário uma explicação interpretativa do que está representado ou do que é dito (Thompson, 2011, 375).

O processo de análise social e histórica do corpus vai ajudar, neste momento, a ter uma nova visão da forma simbólica em relação às suas formas de produção e recepção. Porém, Thompson (2011) considera que esta etapa vai além dos métodos de análise que o precedem dentro da Hermenêutica em Profundidade, transcendendo a contextualização e entendendo que as formas simbólicas querem dizer alguma coisa sobre algo, ou seja, representam algo.

Dessa forma, levando em consideração a descrição sociohistórica da campanha antidrogas que temos como objeto de análise e a catalogação das cenas, feitas nos passos anteriores, torna-se possível a investigar se o discurso ideológico e as relações de poder presentes no corpus se associam com a manutenção do racismo no Brasil.

## **6. ANÁLISE**

Este capítulo tem como foco uma análise aprofundada do corpus escolhido, a partir da análise sócio-histórica da campanha e das sete cenas selecionadas e categorizadas. Para isso, nos baseamos nos cinco modos operacionais da ideologia, conforme proposto por Thompson (2011), associando as estratégias típicas de construção simbólica aos efeitos da guerra às drogas e do racismo na sociedade.

Para Thompson (2011) este é um momento de elaborar um raciocínio sobre a relação entre sentido e poder, através da associação do que foi investigado no

passo um e dois da análise hermenêutica em profundidade, a fim de expor como as formas simbólicas servem para estabelecer e sustentar relações de poder.

## 6.1 Apresentação do corpus de análise

A campanha antidrogas, intitulada “Você nunca será livre se escolher usar drogas”, foi uma iniciativa do Ministério da Cidadania, do governo Bolsonaro e teve como produtora a premiada agência Fields 360, localizada no Distrito Federal e criadora de campanhas como a “Importunação aqui não”, para o Metrô de São Paulo e a “Amazônia protege”, para o Ministério Público Federal.

O projeto tinha como objetivo atingir jovens brasileiros, com idades entre 14 e 18 anos, colocando a perda da liberdade como assunto central. Além disso, a campanha contou com materiais diversos, com inserções em TV, rádio e redes sociais, incluindo banners, outdoors, intervenções e filmes publicitários. Segundo o portal Samba Comm (2021)<sup>7</sup>, foram mais de 16 milhões de impactados só na internet e, ao todo, o número chega a 238 milhões de pessoas alcançadas.

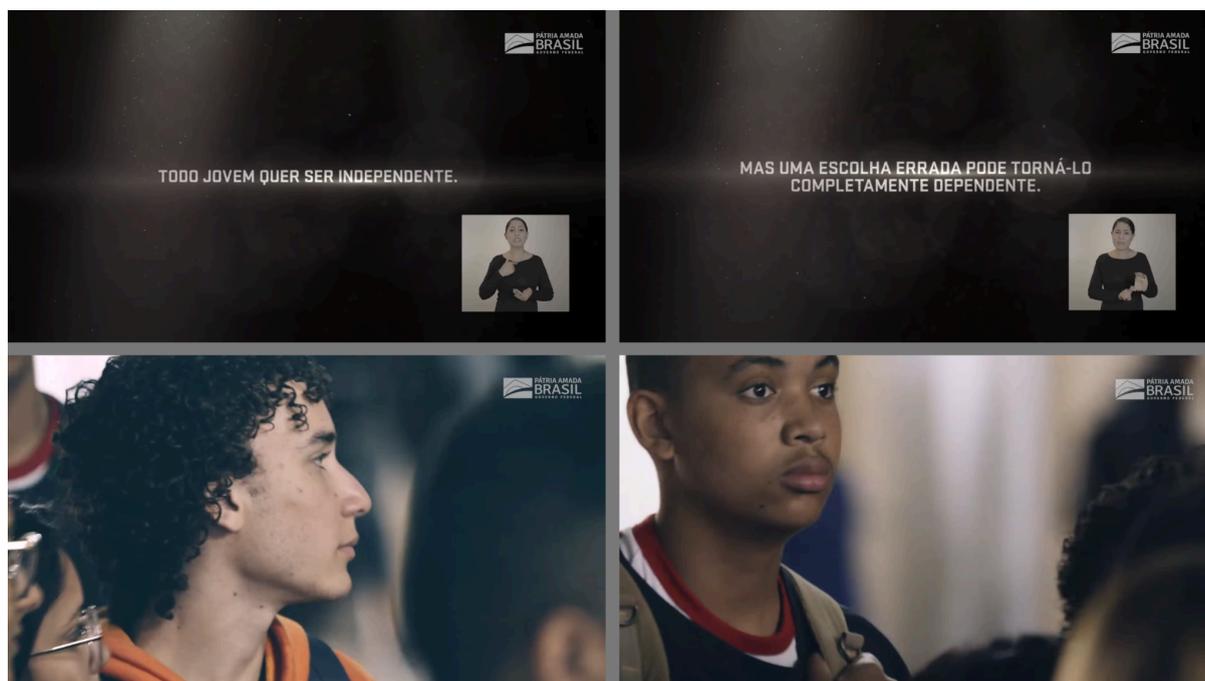
O filme<sup>8</sup> publicitário que analisamos, possui trinta segundos e foi publicado na página do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, no Facebook, em 25 de outubro de 2019 e possui 14 mil curtidas, 757 comentários e 1 milhão de visualizações. Ele é composto por quatorze frames principais e acompanhado de narração em dois momentos.

---

<sup>7</sup> Os dois lados da moeda: liberdade vira tema em campanha antidrogas. Disponível em: <https://sambacomm.site/os-dois-lados-da-moeda-liberdade-vira-tema-de-campanha-antidrogas/#:~:text=Pensando%20nisso%2C%20a%20ag%C3%Aancia%20Fields.e%20realizar%20suas%20pr%C3%B3prias%20escolhas>. Acesso em: Junho de 2024.

<sup>8</sup> Você Nunca será livre se escolher usar drogas. Disponível em: <https://www.facebook.com/MinDesenvolvimentoSocial/videos/420377262209014/>. Acesso em: Junho de 2024.

Figura 1: frames do início do filme publicitário “Você nunca será livre se escolher usar drogas”, do Governo Federal de 2019



Fonte: Facebook

Figura 2: frames da segunda parte do filme publicitário “Você nunca será livre se escolher usar drogas”, do Governo Federal de 2019



Fonte: Facebook

Figura 3: frames do final do filme publicitário “Você nunca será livre se escolher usar drogas”, do Governo Federal de 2019



Fonte: Facebook

## 6.2 Análise sócio-histórica

O ano de 2019, contexto do lançamento do vídeo publicitário que analisamos, foi marcado por momentos sociopolíticos e econômicos turbulentos. Dentre os eventos que marcaram este período destacamos o debate sobre a reforma da lei de drogas, o aumento significativo da população carcerária e um contexto político onde o governo federal era liderado Jair Bolsonaro, que defendia uma postura rígida ao combate às drogas, com ênfase na repressão e prisão de usuários.

A discussão sobre a reforma da Lei de Drogas (Lei nº 11.342/2006)<sup>9</sup>, ganhava força no Brasil a alguns anos, impulsionada por movimentos sociais, estudos e exemplos de outros países que apontavam a ineficácia do proibicionismo. Por isso, tramitava no congresso uma proposta que visava descriminalizar a posse de pequenas quantidades para consumo pessoal.

A reforma tinha como objetivos principais a redução do encarceramento em massa, a diminuição da violência policial e a criação de políticas públicas de saúde e redução de danos voltadas aos usuários. Entretanto, esse foi um tema que gerou grande polarização. De um lado, os apoiadores argumentavam que a descriminalização era necessária para trilhar um caminho em direção a um sistema mais eficaz e justo no combate às drogas e, do outro, os opositores à reforma, que incluía representantes do governo federal, setores conservadores e líderes religiosos, que viam a reforma como algo que facilitaria o acesso às drogas e aumentaria o consumo.

Apesar da grande repercussão e expectativa gerada, a reforma não obteve o desfecho esperado. Houveram diversos obstáculos no Congresso Nacional que contribuíram para o seu não sucesso, como a falta de consenso entre os partidos políticos e a ausência de um debate público mais amplo sobre o tema.

Outro ponto importante é que em 2019, o presidente que atuava no Brasil havia sido eleito com base em um discurso que defendia medidas rígidas no combate ao crime e à corrupção, assim, suas ações em relação às drogas tinham como ênfase a repressão e a punição dos envolvidos.

Dessa forma, foram implementadas medidas que visavam a intensificação das ações de repressão ao tráfico de drogas e a redução de investimentos em programas que tinham como foco a redução de danos e o tratamento de dependentes químicos.

As ações citadas acima geraram grandes impactos. Os números do Anuário Brasileiro de Segurança Pública<sup>10</sup> destacam o aumento na violência policial, resultando em pelo menos 5.804 pessoas mortas em ações da polícia. Desse número, 79% das mortes foram de pessoas negras. Outro dado importante a ser

---

<sup>9</sup> LEI Nº 11.343, DE 23 DE AGOSTO DE 2006. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11343.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11343.htm)

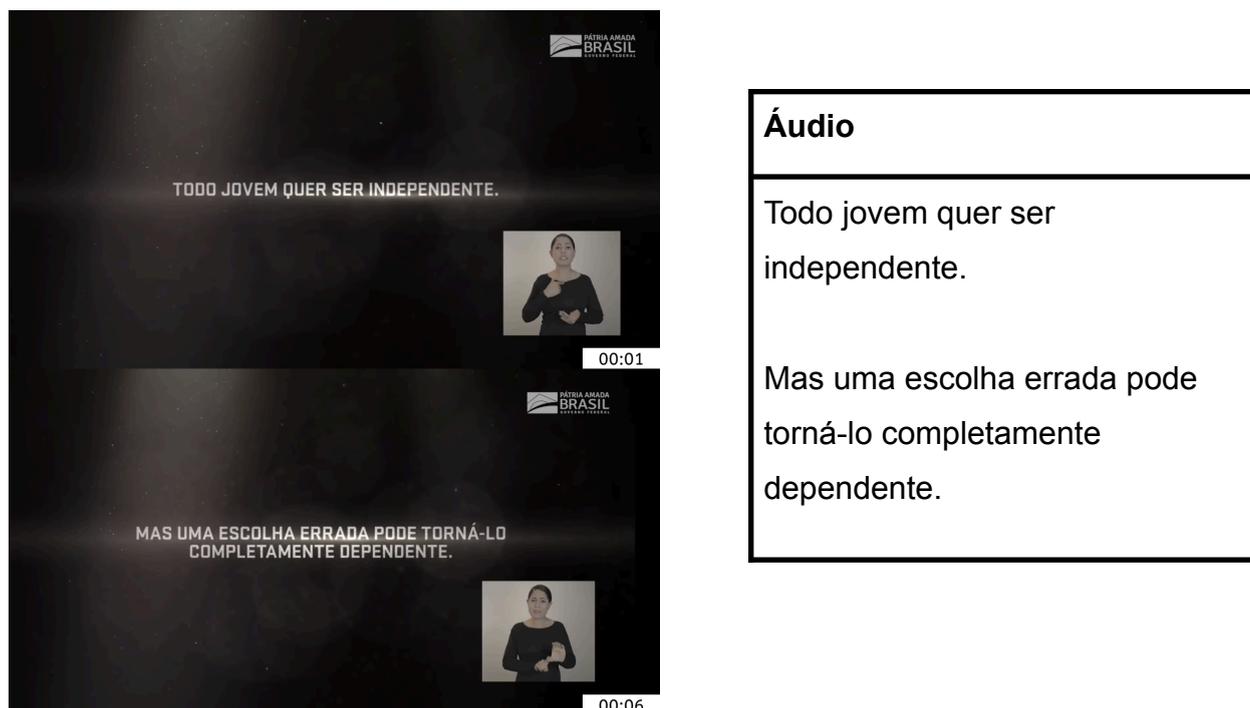
<sup>10</sup> Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>

citado, é o fornecido pelo Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias<sup>11</sup>, em relação à população carcerária que, em 2019, chegou a 748.009 pessoas presas, onde mais de 20% estavam privados de liberdade por crimes relacionados às drogas.

### 6.3 Análise do momento inicial

No momento inicial, que compreende os primeiros sete segundos do vídeo analisado, foram selecionados dois frames. Neles, podemos observar o surgimento de duas frases, que aparecem e saem de cena de forma dramática, iluminadas por um feixe de luz na escuridão, seguidos de uma narração, que lê texto que aparece em cena.

Figura 4: Frames do momento inicial, selecionados do filme publicitário “Você nunca será livre se escolher usar drogas”, do Governo Federal de 2019



Fonte: Facebook

<sup>11</sup> Levantamento nacional de Informações Penitenciárias de julho a dezembro de 2019. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiMmU4ODAwNTAtY2lyMS00OWJiLWE3ZTgtZGNjY2ZhNTYzZDliIiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9>

Em relação aos modos operacionais da ideologia, enquadrámos os frames selecionados em legitimação e unificação. Esses dois modos possuem em comum a construção de um ideal universal, que fica claro no primeiro momento, onde é utilizada a estratégia da universalização. A afirmação de que “todo jovem quer ser independente” é de fato apresentada como se a liberdade fosse o interesse de todos os jovens do mundo, colocando isso como parte da identidade, negando as individualidades e colocando essa forma simbólica como o que é certo, o correto a se pensar e seguir.

No segundo momento, destacado acima como o frame do segundo seis, é onde a unificação aparece, utilizando a estratégia da padronização. A afirmação, não leva em consideração as diferenças dos indivíduos envolvidos tendo como ponto de partida o tema principal da campanha, que qualquer um que tenha contato com algum tipo de droga, tende a perder sua liberdade e se tornar dependente químico.

#### **6.4 Análise do desenvolvimento**

A análise do desenvolvimento do filme publicitário selecionado, conta com quatro frames, que vão do segundo dez ao dezessete. Nesse momento, começa a construção da imagem do usuário, através da atuação de um ator colocado dentro de uma caixa, com um dos lados de vidro, exposta em um lugar público. Também faz parte desta construção as expressões faciais e corporais, tanto do ator como do público que o assiste.

Figura 5: Frames do desenvolvimento, selecionados do filme publicitário “Você nunca será livre se escolher usar drogas”, do Governo Federal de 2019



Fonte: Facebook

No que se refere aos modos operacionais da ideologia, enxergamos aqui a utilização da fragmentação, nos frames selecionados. Esse modo, tem como característica a fragmentação de um grupo ou indivíduo que pode ser considerado como ameaça aos grupos dominantes e, neste contexto, utiliza-se da estratégia do expurgo do outro quando atribui características negativas ao que é representado pelo personagem principal, o usuário.

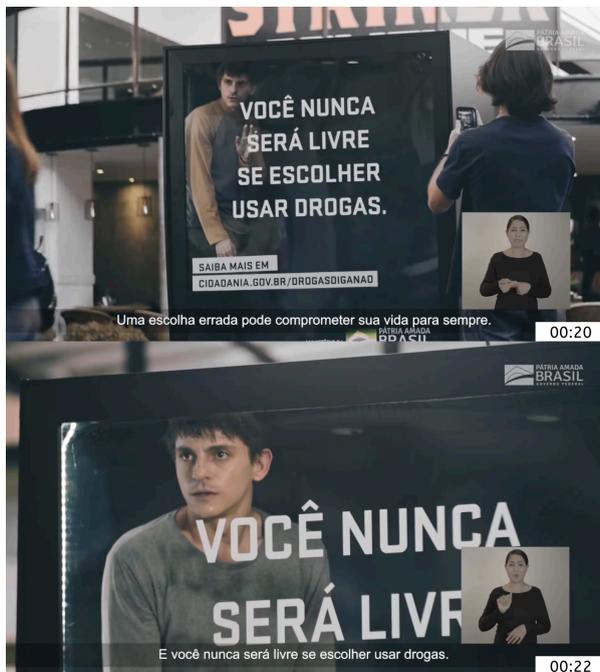
O conjunto das expressões faciais e gestos, combinados com o fato do personagem estar preso dentro de uma caixa, criam símbolos que podem ser interpretados como descontrole, privação de liberdade, perigo entre outras características negativas. Atrelado a isso, como exposto na figura do segundo onze, existe a expressão do espectador, menino negro, que demonstra alguém assustado com a situação.

## 6.5 Análise do desfecho

Para a análise do desfecho, selecionamos dois frames, que compreendem cenas do segundo dezessete ao vinte e dois. Neles percebemos que há a intenção de evidenciar a situação do personagem, fazendo uso de ângulos de filmagem mais abertos, de forma a mostrar o cenário e a caixa onde ele está. Isso acontece

acompanhado de uma narração que complementa as cenas e fecha o vídeo reforçando o tema da campanha.

Figura 6: Frames do desfecho, selecionados do filme publicitário “Você nunca será livre se escolher usar drogas”, do Governo Federal de 2019



Áudio
Uma escolha errada pode comprometer sua vida para sempre.
E você nunca será livre se escolher usar drogas.

Fonte: Facebook

No que diz respeito aos modos operacionais da ideologia, percebemos aqui a utilização de três modos, dois deles já apareceram em momentos anteriores do filme publicitário. A fragmentação aparece nas formas simbólicas fornecidas pela imagem do usuário, retratada na atuação do ator principal. Os signos presentes na imagem da pessoa presa dentro de uma caixa, com expressões de descontrole, apatia, numa situação que retrata a privação de liberdade, atribui novamente características negativas ao usuário de drogas, evidenciando assim a estratégia do expurgo do outro.

A narração que acompanha as imagens, novamente ignora as individualidades dos seres e faz uma afirmação que coloca todos numa mesma caixa, numa mesma posição - a posição do erro e da incapacidade de mudar. Também enxergamos na narração a utilização da reificação, modo operacional da ideologia que apaga características sociais e históricas dos fenômenos, e tem como uma de suas

estratégias a eternalização, que coloca o fenômeno retratado como algo imutável e permanente.

## **6.6 Interpretação/Reinterpretação**

É possível perceber no corpus analisado a visão que o Governo Federal e o Ministério da Cidadania querem passar ao público, a visão de que existem apenas dois caminhos a serem seguidos: um certo e um errado, em que o errado tira sua liberdade, te faz dependente e que a partir desta escolha errada, o indivíduo terá a vida comprometida para sempre. O vídeo publicitário, utilizando das estratégias dos modos operacionais da ideologia como a padronização e a universalização, apresenta uma imagem universal do usuário de drogas, sem levar em consideração as realidades diversas e as experiências que atravessam essa população.

Existe uma lógica que guia a campanha da qual o corpus analisado faz parte, que é a da polarização, dividindo o mundo em realidades fundamentalmente opostas: o mundo da liberdade, relacionado às pessoas que não usam drogas e o mundo da não-liberdade, descrito como um espaço sombrio e sem perspectivas, relacionado ao usuário de drogas.

Essa oposição é construída através do uso da estratégia de fragmentação do outro, estigmatizando o usuário e o caracterizando como um indivíduo incapaz, condenado ao fracasso. São várias as características negativas atreladas ao usuário, o retratando como um indivíduo fracassado, privado de liberdade, perdido de sua própria identidade. Há também a ideia de ambivalência, que o apresenta como vítima e como alguém inconsequente e violento. Essas são construções que contribuem para a desumanização do usuário de drogas e reforça o pensamento de que o uso de drogas leva a uma degradação, sem considerar as possibilidades de recuperação e inserção social.

Podemos também destacar as estratégias audiovisuais do vídeo analisado. Percebemos que, apesar de o protagonista não ser uma pessoa negra, há momentos do vídeo, como destacado na análise do desenvolvimento, que o foco no público é somente em pessoas de pele preta e pardos, deixando claro o público que a campanha visa alcançar, através da identificação. Há também foco em parte da frase que é tema da campanha, destacando somente a parte “você nunca será livre”, reforçando a estratégia de universalização, por exemplo.

No vídeo analisado, enxergamos a relação dos modos operacionais da ideologia e suas estratégias, usados para falar sobre o uso de drogas, com o racismo e a guerra às drogas. Em geral, há sempre a tentativa de impor os pensamentos de uma classe dominante e desumanizar aqueles que podem ser considerados como uma ameaça ou que, de alguma forma, devem ser dominados.

A estratégia do expurgo do outro, pode ser vista na representação do protagonista preso dentro da caixa. Esse momento pode ser interpretado como cárcere, prisão e privação de liberdade, por exemplo.

Essa desumanização, utilizada como ferramenta de controle social, se intensifica no contexto da guerra às drogas. Através da criminalização do uso de substâncias psicoativas, cria-se um estereótipo negativo em torno de populações marginalizadas, principalmente negras e periféricas, associando-as à criminalidade e à violência. Essa narrativa, além de ser falsa e distorcida, serve para justificar a repressão policial brutal e o encarceramento em massa dessas populações, perpetuando um ciclo de exclusão e marginalização. Ainda assim, apesar de toda essa estrutura ser exposta através de estudos e organizações que tratam o tema, as estratégias de padronização, unificação e eternalização amenizam os acontecimentos.

## **6.7 Fechamento da análise**

Este estudo analisou o contexto sócio-histórico do lançamento da campanha de combate às drogas do Governo Federal, atuante em 2019, e as particularidades do filme publicitário “Você nunca será livre se escolher usar drogas”, publicado no Facebook em outubro do mesmo ano.

A partir deste olhar, entendemos que o período do lançamento foi caracterizado por uma postura rígida do governo e das forças de segurança, enfatizando a repressão e a prisão de usuários de drogas, em meio a discussões sobre a reforma da lei de drogas e um aumento expressivo da população carcerária. A análise desses eventos nos permitiu entender como a postura adotada pelo governo na campanha de combate às drogas impactou a sociedade brasileira, especialmente as populações mais vulneráveis.

Além disso, a análise do filme publicitário, objeto central desta pesquisa, revelou a utilização de alguns dos modos operacionais da ideologia para transmitir

uma mensagem de polarização e estigmatização sobre o uso de drogas. O discurso do filme constrói uma imagem negativa do usuário, caracterizando-o como um indivíduo incapaz, condenado ao fracasso e à privação de liberdade. As estratégias utilizadas no discurso desconsideram as realidades diversas e complexas que atravessam a vida dos usuários e contribuem para a desumanização dessas pessoas.

Dessa forma, identificamos que essa estratégia de estigmatização é uma ferramenta que perpetua a marginalização e exclusão de populações vulneráveis, especialmente as negras e periféricas. Essa narrativa justifica a repressão policial e o encarceramento em massa, conservando um ciclo de violência e exclusão.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho tratou sobre guerra às drogas e racismo, a partir da análise do discurso ideológico presente em um dos filmes publicitários da campanha “Você nunca será livre se escolher usar drogas”, do Governo Federal de 2019. A pesquisa serviu para compreender se o discurso utilizado em campanhas publicitárias antidrogas, podem servir como uma ferramenta de manutenção do racismo.

O problema de pesquisa e os objetivos foram respondidos através do uso da Hermenêutica em Profundidade, levando em consideração suas três etapas: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e a interpretação/reinterpretação. Dentro da etapa de análise formal ou discursiva, utilizamos como metodologia de apoio a Análise de Conteúdo, realizada em dois passos: pré-análise e exploração do material.

Para ajudar na construção da pesquisa, utilizamos também a pesquisa bibliográfica, a fim de relacionar os temas e conceitos de racismo, guerra às drogas e ideologia. E foi uma ferramenta essencial para minha pesquisa, pois me ofereceu suporte teórico e metodológico necessário para o desenvolvimento e aprofundamento do estudo proposto neste trabalho.

Temos como problema de pesquisa compreender se há relação entre o discurso ideológico da campanha de combate às drogas do Governo Federal de 2019, e o racismo no Brasil e, para chegar a uma resposta a esse problema tínhamos como guia quatro objetivos: (1) Contextualizar o racismo no Brasil (2) Examinar a relação entre a Guerra às Drogas e o encarceramento no Brasil. (3)

Identificar como o discurso ideológico e as relações de poder presentes na campanha de combate às drogas se associam ou não com a manutenção do racismo no Brasil. (4) Analisar o discurso da campanha antidrogas do Governo Federal de junho de 2019.

A análise do filme nos possibilitou compreender que há relação entre o discurso ideológico da campanha e o racismo no Brasil através da utilização das estratégias concedidas pelos modos operacionais da ideologia que, de várias formas, dentro da campanha, promovem a criação de um mundo, onde um exclui a possibilidade da liberdade, do autocontrole e da recuperação ou ressocialização do usuário de droga. Também entendemos que as táticas aplicadas, criam uma ideia universal do usuário, ignorando as camadas, subcamadas e contextos da vida social das pessoas envolvidas.

Toda essa estigmatização alimenta uma imagem negativa do usuário de drogas, o que causa impactos na vida social não só das pessoas que estão diretamente envolvidas com o uso de drogas, mas também das pessoas que vivem em locais onde entende-se que existam drogas ilícitas, como nas periferias e bairros marginalizados.

Esse é um aspecto que atinge a população negra diretamente, não só pelo preconceito gerado, mas porque atrelar características negativas ao usuário serve como justificativa para as ações violentas do estado e das forças de segurança, justamente nos locais citados no parágrafo acima, com o argumento da guerra às drogas. Essa, como vimos na construção teórica desta pesquisa, possui locais e alvos específicos.

É importante revelar, também que a narrativa do filme direciona-se de maneira não explícita ao público negro, apesar de não apresentar um protagonista negro. A estratégia é “sutil”: enquanto o vídeo não coloca um protagonista negro em destaque, a câmera enfatiza outras pessoas, que são negras, observando a performance. Esse foco nas reações e presenças das pessoas negras nas cenas sugere uma tentativa de conectar emocionalmente com esse público-alvo sem torná-lo explícito. Essa abordagem pode ser interpretada como uma forma de alcançar a população negra, reforçando estereótipos e percepções associadas ao racismo estrutural presente na sociedade brasileira.

No âmbito pessoal, a pesquisa me aproximou de uma luta da qual sempre fui afastado e que, agora, entendo que independente do local que eu frequente e da cultura da qual eu faça parte, a luta antirracista é inerente a mim.

Em relação ao discurso publicitário, observamos que há a ele pode contribuir efetivamente na construção de conceitos e crenças que, nesta pesquisa, se tratam do negro no Brasil. Assim, uma campanha publicitária que não tenha um olhar crítico e antirracista ao trabalhar seu discurso, pode ser sim utilizada como uma ferramenta de manutenção do racismo no Brasil.

## 8. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BORGES, Juliana. **O que é encarceramento em massa?** São Paulo: Letramento, 2019

Correia, João Carlos (2004) **«Ideologia e Hegemonia» in in Albino Rubim, Comunicação e Política: Conceitos e Abordagens”, Editora da Universidade Federal de São Salvador da Bahia e UNESP (Brasil), 2004. Publicação sujeita a arbitragem. ISBN: 85- 232-0320-6.** in Albino Rubim, Comunicação e Política: Conceitos e Abordagens”, Editora da Universidade Federal de São Salvador da Bahia e UNESP (Brasil), 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERRUGEM, Daniela. **Guerra às drogas e a manutenção da hierarquia racial**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2018. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/11790/1/000489072-Texto%2BCompleto-0.pdf>.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo; Editora Atlas S.A. 2002.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2019.

LIMA, Emanuel Fonseca et al. (Ed.). **Ensaio sobre racismo: pensamentos de fronteira**. Balão Editorial, 2019.

Maronna, C., & Elias, G. S. (2018). **Por que descriminalizar o uso, a produção e a comercialização das drogas?** *Boletim de Análise Político-Institucional/Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada*, 18(1), 9-18.

NUNES, Sylvia da Silveira. **Racismo no Brasil: Tentativas de disfarce de uma violência explícita**. Dossiê: psicologia e ideologia - o preconceito racial. Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/pusp/a/kQXPLsM8KBkZYsBTnTGhvmj/?format=pdf&lang=pt>

Oliveira, N., & Ribeiro, E. (2018). **O massacre negro brasileiro na guerra às drogas**. *Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos*, 15(28), 1-4.

Samba Comm (2021). **Os dois lados da moeda: liberdade vira tema de campanha antidrogas**. Plataforma de conteúdo e experiências pra gente de Comunicação. Link:  
<https://sambacomm.site/os-dois-lados-da-moeda-liberdade-vira-tema-de-campanha-antidrogas/#:~:text=Pensando%20nisso%2C%20a%20ag%C3%AAncia%20Fields.e%20realizar%20suas%20pr%C3%B3prias%20escolhas>

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SILVA, Lourdes; CAMPOS, Paulo. **História e Publicidade: a mulher na propaganda durante a ditadura militar no Brasil. 2014. 15f. Artigo (Mestrado em Ciências Humanas)**. Universidade de Santo Amaro – UNISA, São Paulo, 2014

Telles, A. C., Arouca, L., & Santiago, R. (2018). **Do #vidasnasfavelasimportam ao #nóspornós: A juventude periférica no centro do debate sobre política de drogas**. *Boletim de Análise Político-Institucional/Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada*, 18(1), 107-112.

THOMPSON, JOHN B. **Ideologia e Cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro; Edições 9. Editora Vozes. 2011.

**APÊNDICE** - Ficha técnica da campanha “Você nunca será livre se escolher usar drogas”, do Governo Federal de 2019

Quadro 3: Ficha de responsáveis pela campanha

<b>Responsável</b>	<b>Função na campanha</b>
Ministério da Cidadania	Coordenação e responsabilidade geral pela concepção da campanha.
Agência de Publicidade (Artplan)	Criação e execução das peças publicitárias.
Ator principal da campanha	Participação em ações visuais, para sensibilizar sobre os perigos das drogas.
Atletas profissionais brasileiros	Participação nas campanhas para ampliar o alcance.
Ministro da Cidadania (Osmar Terra)	Porta voz principal da campanha
Secretaria Nacional de Cuidados e Prevenção às Drogas	Coordenação e representação das ações de prevenção.

Fonte: Criado pelo autor (2024)